

## Os Cafés do Porto<sup>1</sup>

*Maria Teresa Castro Costa<sup>2</sup>*

### Introdução

As primeiras “casas de (tomar) café” apareceram em Meca, Arábia, no princípio do século IX da era Maometana (que começa em 622 da era Cristã).

Rapidamente se espalharam pela Turquia, pelo Egipto e, mais tarde, pela Europa. Em Veneza surgiram em 1640. Em Marselha, no ano de 1654. E, pouco depois, em Paris. Alguns cafés de Paris com *music-hall*, concertos e diversões, tornaram-se famosos.

Em Portugal os primeiros botequins (designação primordial dos cafés) surgem em Lisboa em 1777.

No Porto, remontam ao início do século XIX.

Almeida Garrett escreveu:

“O viajante experimentado e fino chega a qualquer lugar, entre no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o País em que está. O seu Governo, as suas Leis, os seus Costumes, a sua Religião. Levem-me de olhos tapados onde quiserem. Não me desvendem senão no Café, e prometo-lhes que em menos de dez minutos lhes digo a terra em que estou, se for país sublunar.”

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com a colaboração de José Guilherme Abreu, no que concerne à actualização da situação dos cafés do Porto.

<sup>2</sup> Artista Plástica.

De facto, a história dos Cafés do Porto é um espelho da vida económica, social, cultural e artística da cidade, durante os séculos XIX e XX.

A arquitectura e a decoração dos cafés atestam a vida económica da cidade e são um reflexo das correntes artísticas das diversas épocas. As obras de arte neles incorporadas (escultura, painéis, vitrais, murais) têm a assinatura de artistas conceituados da cidade.

À volta da bebida “negra como o inferno, doce como o pecado, quente como o amor”, como dizia Vicky Baum, sempre se juntaram políticos, artistas, escritores. As Tertúlias dos Cafés foram decisivas, antes dos poderosos meios de comunicação actuais, na formação de correntes políticas, artísticas e literárias.

### 1. Os Botequins do Séc. XIX

Os primeiros botequins de que há notícia no Porto, datam de 1820.

São eles:

- O BOTEQUIM DO Sr. FRUTUOSO - no Largo da Porta de Carros, encostado à muralha Fernandina, frente à Igreja dos Congregados.
- O BOTEQUIM DAS HORTAS - na Rua das Hortas (hoje Rua do Almada) esquina com a Rua da Fábrica. Este botequim existiu 60 anos - até 1880.

Era frequentado sobretudo por comerciantes da Rua das Flores e Rua dos Clérigos. Era conhecido por servir um óptimo café.

Ramalho Ortigão escreve a seu respeito:

“O velho Botequim das Hortas, em que à noite se jogava o Loto, a vintém o cartão, e que, ao abrir-se uma das suas portas envidraçadas, guarnecidas da cortininha de cassa branca, enchia de um picante perfume de calda de capilé e de café torrado a rua toda”

Outros botequins existiram ainda na 1ª metade do séc. XIX. Os mais famosos foram:

- O BOTEQUIM DA NEVE - Na Rua de Stº António
- O GUICHARD - Na Praça Nova
- O BOTEQUIM DA PORTA DO OLIVAL - No Largo do Olival (Hoje Cordoaria)
- O BOTEQUIM DO PEPINO - No Muro dos Bacalhoeiros (Ribeira)
- O BOTEQUIM DO AMARO - No Muro da Ribeira
- O BOTEQUIM DA NEVE, assim denominado por servir sorvetes (que só então se tornaram um hábito dos portuenses) era preferido pelos libertinos da época.

Este último era um estabelecimento luxuoso, segundo A. de Magalhães Basto:



*Botequim do Sr. Frutuoso*



*Botequim da Porta do Olival*

“Era a inveja dos lisboetas pelo seu gosto e luxo e um viveiro de ‘libertinos’; quem ali entrasse a tomar um capilé, e se demorasse dez minutos saía cinico. Havia quem fosse para lá jogar ‘cândidamente’, o quino e o bilhar, mas, em geral, quem se sentava àquelas mesas marmóreas espostejava ‘a sã mente.... como cadáver combalido em teatro anatómico’”.

O BOTEQUIM DA PORTA DO OLIVAL e o BOTEQUIM DE S. LÁZARO eram preferidos pela juventude e intelectuais.

O BOTEQUIM DO PEPINO (alcunha do seu proprietário) era frequentado por marinheiros e prostitutas. Muito falado na época em virtude do escândalo que causavam à vizinhança a gritaria e as cenas de violência muito usuais pela noite dentro. Corriam boatos que os marinheiros estrangeiros endinheirados depois de lhe terem conseguido o dinheiro ao jogo, eram atirados ao rio. O boato nunca foi confirmado porque o PEPINO ‘adivinjava’ a chegada da polícia. Era um antro mal afamado onde se bebia muito e também se cantava o fado.

A mocidade da época, muitas vezes acabava lá as noites, depois de fechados todos os locais de convívio na cidade.

Armando Gama, no seu livro “O Génio do Mal” descrevia assim o BOTEQUIM DO PEPINO:

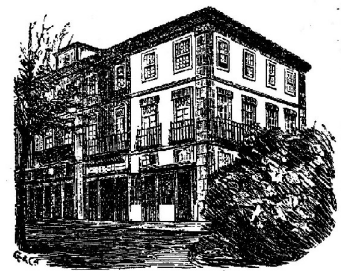
“A casa tinha três andares, incluindo o térreo. Neste é que era o botequim; nas traseiras, que davam para cima do muro, havia uma saleta suja e imunda, que não sei como era chamada na gíria da casa, mas que na dos frequentadores era conhecida pela ‘Casa dos Horrores’ . . .

O café era mobilado por mesas e bancos de pinho. As duas portas traseiras tinham vidraças... de noite eram alumiadas por um candeeiro de latão de quatro bicos, suspenso do tecto. A mais de três quartas partes do comprimento da saleta havia um balcão de pinho coberto de manchas de toda a qualidade, inclusive sangue; e por trás dela estava sempre, majestosamente sentado numa poltrona do séc. XVI, já quase sem vestígios arqueológicos, ou de pé, mão sobre um copo de quartilho e a outra enfiada na algibeira, o Sr. António Brito, vulgo o ‘Pepino’, responsável proprietário do estabelecimento.”

O BOTEQUIM DO AMARO existiu na Ribeira até depois de 1876.

De todos estes botequins, o mais famoso, pela sua ligação ao movimento literário do Porto de então foi o CAFÉ GUICHARD. Situado na Praça Nova, foi o centro dos literatos e da juventude boémia do Porto. Camilo Castelo Branco, que, em 1850, tinha pouco mais de 20 anos, foi a figura central deste núcleo de escritores. À sua mesa, António Girão, Ricardo Guimarães, Evaristo Basto. Foram deste grupo do *Guichard*, Arnaldo Gama, António Coelho Lousada, Augusto Soromenho, Faustino Xavier de Novais, Ricardo Guimarães, António Girão, Alexandre Braga, Soares de Passos.

Escreve Firmino Pereira a esse respeito:



Café Guichard



Dórdio Gomes, estudo para o fresco “Camilo Castelo Branco”, Porto, Paços do Concelho, c.1957.

“Às noites, no Guichard, esses moços da Távora Redonda, escorropichavam copinhos de hortelã-pimenta, declamando Lamartine, Soares de Passos e João de Lemos. Era o botequim dos Alfredos e dos Manricos, de melena revolta e alma ardendo em labaredas românticas. Aí se reuniam habitualmente os literatos, os poetas e os românticos que vinham das agitações do Cerco e da Patuleia e que, entre um cálice de licor e uma fumaça de charuto, decidiam dos destinos da arte e da política”

No *Guichard* os poetas suspiravam mas também batiam ... e levavam.

Nestes tempos de balada e murro, o botequim era o centro de toda a vida portuense. À volta duma mesa compunham-se odes, combinavam-se raptos e planeavam-se conjuras.

O *Guichard* existiu até 1857. Curiosamente, nessa altura, o grupo literário começou a dispersar. Muitos morreram, outros “engrenaram” na vida.

Mas o café de renome do Porto de meados do séc. XIX foi, sem dúvida o *Águia d'Ouro*. Abriu as portas em 1852. Por ele passaram as figuras mais relevantes do Porto nos domínios:

- da política: Teófilo Braga, António Girão, Germano Vieira de Meireles Costa e Almeida, Delfim Maia, Júlio Dantas, Oliveira Ramos, Sebastião de Carapeços.
- das artes e letras: Antero de Quental, Júlio Dinis, Camilo, Borges de Avelar, Miguel Angelo (músico), Marques Pinto, Molarinho (gravador), Sá Noronha, Gomes Cardim, Arnaldo Gama, Guilherme Braga, Coelho Lousada.

Os políticos sentavam-se à direita e os homens de letras e artistas à esquerda do café. Pode dizer-se que o *Águia d'Ouro* foi o Café-Memória da cidade.

Júlio Dinis imortalizou-o em “*Uma Família Inglesa*”.

“A *Águia d'Ouro*, a anciã das nossas casas de pasto, a velha confidente de quase todos os segredos políticos, particulares e artísticos desta terra;

...Aquela abafada quadra, em cujas paredes ainda existiam reproduções em lona dos combates que restabeleceram a independência da Grécia.

Sob as aparências de modesta, a *Águia d'Ouro* parecia aureolada de não sei que majestade, condigna do seu emblema”

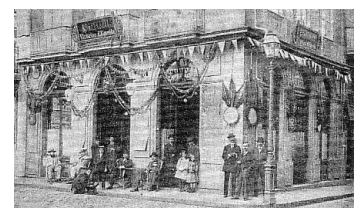
Outro café afamado em meados do séc. XIX, foi o *Café Brasil*, inaugurado em 1859. Tinha duas mesas privativas para o jogo do dominó:

- A dos “Cardeais” - onde se sentavam Guilherme Braga e Paulo Falcão.
- A dos “Indígenas” - para Arnaldo Leite, Sampaio Bruno e Ramalho Ortigão.

Muitos outros botequins existiam então no Porto. Referimos apenas os mais célebres.



Café Águia d'Ouro



Café Brasil

Devemos aqui salientar que os botequins do séc. XIX tinham características diferentes dos de hoje.

Em todos eles se servia “para além do café”, todo o tipo de bebidas alcoólicas.

O café era sempre acompanhado por *Cognac*, licor (o licor rosa estava na moda), cana, etc. Para além disso os cafés eram, obrigatoriamente locais de jogo – bilhares, dominó, jogos de cartas, quino.

Por outro lado, tinham um papel muito importante na divulgação das ideias e na crítica literária e artística, já que não existiam ainda os poderosos meios de comunicação social de hoje.

De uma forma geral, nestes botequins da 1ª metade do séc. XIX, a arquitectura e a decoração em geral, eram modestas. Só na 2ª metade do séc. XIX, com a expansão económica, as lojas comerciais, em geral, se começaram a modernizar, remodelando as fachadas e adaptando-lhe vitrinas. Até então, para mostrarem os produtos, as lojas colocavam-nos no passeio junto à porta. A decoração passou a ser uma preocupação.

É nesta sequência que vemos aparecer Cafés requintados e por vezes luxuosos como:

- O LUSTIANO - Depois SUÍÇO
- O PORTUENSE
- O CAMACHO
- O LISBONENSE
- O VENTURA
- O CENTRAL

Todos eles se situavam na Praça D. Pedro, ( ex-Praça Nova )

- O LUSITANO foi inaugurado em 1853 na esquina da actual Rua Sampaio Bruno (então Rua Sá da Bandeira) com a Praça D. Pedro. Era um Café muito amplo, com duas salas para serviço de café e uma sala de bilhares, com porta para a praça. Na notícia da sua inauguração é referido que o proprietário fez obras de vulto no valor de 2 contos de reis – “soalhos, estuques, pinturas, guarnições, douraduras, cozinha interior”.

Este Café existiu até ao último decénio do séc. XIX tendo então dado lugar ao Suíço.

- O SUÍÇO tinha já a fachada de granito. Ocupava o mesmo espaço amplo do anterior Lusitano, e tinha uma secção de pastelaria e restaurante.

- O CAFÉ PORTUENSE, inaugurado em 1860, na esquina da actual Rua Sampaio Bruno com a actual Rua Sá da Bandeira (então Rua Bonjardim), foi o Café mais elegante e confortável da cidade de então. O seu requinte era tal que tinha as “cadeiras estofadas a veludo carmesim”. Tinha paredes espelhadas e candelabros. Possuía até uma sala só para senhoras que aí podiam ir tomar os seus sorvetes. Nele se jogava o dominó, o *boston*, o voltarete. Era frequentado



Café Suíço

sobretudo por comerciantes. Em 1891 deu lugar ao CHAVE D'OURO. A remodelação foi feita pelo arquitecto Leandro de Moraes e pelos decoradores Abílio Rocha e António Baganha.

O CAFÉ CAMACHO, na Praça D. Pedro, fundado em 1870 foi ampliado e transformado em 1880. Existiu até 1917. Ficou também famoso pelo seu serviço de restaurante. A sua decoração consistia numa ampla arcada ao fundo e em paredes completamente revestidas de estantes onde estavam colocadas as garrafas de todo o tipo de bebidas. Tinha mesas rectangulares de mármore.

Ficou com fama de servir um mau café. Contudo a sua frequência constituída por escritores e artistas tornou-o célebre. Entre os seus clientes habituais podemos citar: o Pintor Francisco José Rezende, de casaca abotoada e chapéu à Rubens e o escritor Guerra Junqueiro, conhecido por ser pontual na “saida” do café às 11 horas, quando soavam as badaladas no relógio da Lapa.

Foi no CAMACHO que nasceu a corrente literária denominada por Nefelibatismo de que António Nobre foi figura destacada.

Foram também assíduos frequentadores do CAMACHO: Sampaio Bruno, Alexandre Braga (Filho), Alfredo Magalhães (que viria a ser Presidente da Câmara Municipal do Porto), Basílio Teles (Filósofo, Jornalista e Pedagogo), João Chagas (Jornalista), Rocha Vieira (Homem de Ciência), Sá de Albergaria (Humorista e Autor de Peças de Teatro), Joaquim Araújo (Poeta) e o famoso boémio Eduardo Attayett.

Nos últimos anos do CAMACHO a frequência já era outra, dominada mais por comerciantes, industriais, banqueiros, médicos e *sportsmen*.

Aquilino Ribeiro escreveu:

“Os habitantes do Porto quando abriam a boca era para pronunciar os nomes dos seus próceres, Junqueiro, Basílio, Bruno, Duarte Leite. De olhos admirativos viam-nos no cenáculo do Camacho, depois desamarrarem dali para a Praça Nova, onde prosseguiam deambulando até altas horas, o debate animado ou o colóquio vicioso.

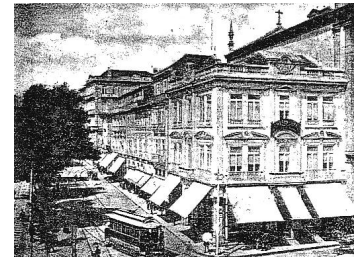
Esta Praça é que foi a verdadeira Universidade, não apenas do Porto, mas de Portugal. Daí saiu a geração que contribuiu em boa parte para fazer a República e que arejou as Letras e sobretudo a Pedagogia, impregnadas ainda de miasmas”

O CAFÉ LISBONENSE foi inaugurado no terceiro quartel do séc. XIX, na Rua do Bonjardim, onde foi depois a sede do Banco Borges. Tinha dois salões, um para a frente onde era servido café e outro para trás para o jogo do bilhar.

No 1º andar possuía restaurante.

Foi um Café muito bem cotado na época sendo frequentado sobretudo por intelectuais.

A corrente literária do Realismo, de tendência positivista, nasceu neste Café, com Basílio Tetes, Júlio de Matos e Sampaio Bruno. Foi o Café de António



Café Camacho

Patrício, Severo Portela, Henrique Pinto Coelho, Justino Montalvão, Joaquim Leite, Domingos Guimarães e Henrique Guimarães.

Há um episódio curioso a propósito deste Café que ilustra bem o espírito da época. Houve uma verdadeira “febre” de escrever durante o séc. XIX. Foram editados muitíssimos jornais, a maior parte deles de curta duração.

Por brincadeira, circulou um periódico, de cujo cabeçalho apresentamos uma fotocópia – “Gazeta do Realismo - Órgão da última boémia”. Nele se pode ler que os autores, por dificuldades financeiras, tinham resolvido editar o jornal no próprio Café Lisbonense.

Como o conteúdo dos artigos era escabroso, usaram como pseudónimo os nomes de famosos escritores franceses.

Na realidade, A. Dandet era Sampaio Bruno, C. Mendes - Joaquim Araújo, Émile Zola - Francisco Carrelhas, E. Fey Deau - José da Luz Braga e Gustave Flaubert - Gaspar de Lemos. O jornal foi apreendido e já não saiu o nº 2.

Uma característica do LISBONENSE foi a de apresentar uma orquestra de Inverno (quarteto dirigido pelo violoncelista Júlio Caggiardi). Este fenómeno generalizou-se nos Cafés do Porto dos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX. Os Cafés requintados tinham orquestra - foi a época dos Cafés-Concerto.

Assim sucedia no Suíço (de que já falamos) onde inicialmente, à noite, tocava um terceto (piano/violino,/violoncelo). Já na primeira década do séc. XX, tinham uma orquestra que tocava música ligeira e música clássica.

- O CAFÉ VENTURA, inaugurado em 1891, na Rua Sampaio Bruno, em frente ao Suíço, tinha “mobiliário e restante decoração de freixo nacional no estilo americano”. Proporcionava também concertos permanentes.

- O CAFÉ CENTRAL abriu em 1897, com “mesas de mármore, grandes espelhos enquadrados em caixilharia de cana da Índia e lambris em madeira.” Estava situado onde está o IMPERIAL. Foi, na época, o preferido dos estudantes.

Fora da Praça de D. Pedro, ficaram famosos:

- O CAFÉ PROGRESSO – inaugurado, em 1899, junto à Praça de Carlos Alberto, ficou conhecido como o “Café dos Professores”. Ainda existe, e actualmente é frequentado pelos comerciantes da zona, tendo a fama de servir o melhor café da cidade.

- O CAFÉ LEALDADE - depois CAFÉ ROMÃO, existe ainda na Praça Carlos Alberto

- O CAFÉ ÂNCORA D'OURO – “O PIOLHO” - inaugurado em 1889 e que até hoje, foi frequentado por sucessivas gerações de estudantes. Atestam-no as inúmeras placas de mármore colocadas nas paredes do Café, desde 1947, na altura da queima das fitas. No 1º andar tinha bilhares.

E deixámos para o fim a história curiosa, dum Café que existiu desde 1857 até à segunda metade do séc. XX. Localizado na Praça da Batalha, foi o local de encontro de liberais, republicanos e socialistas. Por isso lhe deram o no-



*Gazeta do Realismo, 1879*



*Café Progresso*

me de - CAFÉ DA COMUNA. Era fortemente vigiado pela polícia que ordenou o seu encerramento em 1889, sendo dois dos seus proprietários obrigados a fugir. Alguns clientes do Café conseguiram que ele reabrisse ainda nesse ano. Mas, para isso tiveram de mudar o nome para LEÃO D'OURO.

Até 1926, existiu com instalações modestas. Nessa época sofreu obras de vulto e reabriu em 1934 com uma decoração requintada. Tinha duas salas com decoração de princípio de século - muitos espelhos, mármore branco, metais dourados, mesas pequenas com tampas de vidro. Descendo uma escada podia observar-se uma pequena gruta d'água.

Na sua fase inicial (fim séc. XIX, princípio do séc. XX.) foi frequentado por figuras do Teatro - Eduardo Brasão, Vale e Emília Eduarda; das Letras - Sampaio Bruno, António Claro, Lima Júnior, Arnaldo Leite; e das Artes Plásticas - Soares Lopes, Manuel Martins e António de Azevedo.

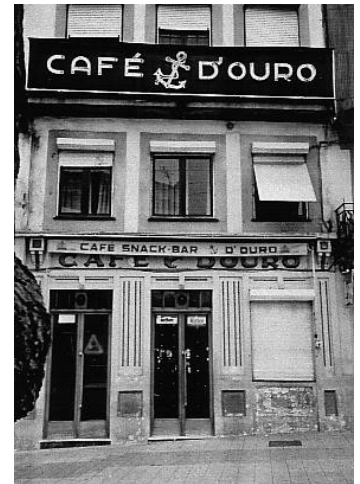
Nos anos 30-40 foram seus clientes assíduos:

- Domingos Alvarez ( Pintor )
- Manuel Guimarães ( Caricaturista e Realizador de Cinema )
- Ângelo César (Advogado)
- Cardoso do Carmo, Espregueira Mendes, Castro Henriques e Urgel Horta (médicos)
- Chaby Pinheiro ( Teatro ) e por figuras das companhias de Lisboa que vinham actuar no Porto - Amélia Rey Colaço, Beatriz Costa, João Villaret, Ribeirinho.

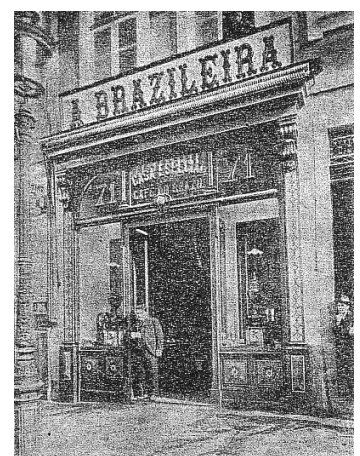
Nos anos 50-60 nele se reuniam Jaime Valverde e os fundadores do TEP - Teatro Experimental do Porto.

## 2. Os Cafés do Porto no séc. XX

Logo no início do século, em 1903, abre o Café "A BRASILEIRA" - não era porém A BRASILEIRA que conhecemos hoje. Era uma pequena loja onde se servia e bebia café. É de notar, aqui, a importância que a publicidade tinha na vida comercial. O slogan "*O melhor café é o da Brasileira*", ainda visível na fachada, associado ao símbolo respectivo, é espalhado por toda a cidade e pelo País. Constava de tabuletas ao longo das estradas e das vias férreas. Esta campanha revelou-se eficiente. As vendas e lucros aumentaram de tal forma que o dono se viu obrigado a separar o Café da loja de vendas. Para a instalação da loja comprou um prédio ao lado do Café. Posteriormente adquiriu os restantes prédios entre a Rua Sá da Bandeira e a Rua do Bonjardim (à excepção de um pequeno prédio). Fez obras de remodelação profundas, e em 1938 reabre A BRASILEIRA tal como a conhecemos hoje.



Café Ancora d'Ouro



Café A Brasileira

Entre o final da primeira guerra mundial e o início da segunda – 1918 a 1939 – são construídos os Cafés mais significativos do Porto, sob o ponto de vista de arquitectura e decoração:

- MAJESTIC - 1921
- EXCELSIOR - 1920
- IMPERIAL - 1936
- PALLADIUM - 1939
- MONUMENTAL - Anos 30
- AVENIDA - Anos 30
- GUARANY - Anos 30

Todos eles são Cafés luxuosos e grandiosos. O MAJESTIC é uma obra notável, no estilo *Arte Nova*. A Arte Nova teve pouco impacto em Portugal e as suas manifestações são raras e tardias, pois em 1920 a *Arte Nova* já tinha sido ultrapassada na Europa por outros movimentos. É o atraso referido atrás, que se nota bem em todos os domínios - inclusive o da Arte.

O MAJESTIC foi considerado edifício de utilidade pública. Tem uma decoração luxuosa: tectos com baixos relevos em estuque, figuras modeladas em gesso, grandes espelhos de cristal emoldurados por madeiras trabalhadas, cadeiras de couro gravado incorporadas nas paredes, cadeiras individuais também gravadas, mesas com tampo de mármore, candeeiros “Arte Nova” em forma de tulpas nas paredes. Ao fundo do Café um jardim de Inverno. No piso inferior funcionavam os bilhares.

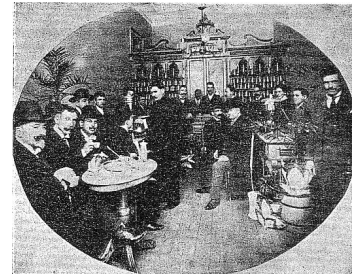
Durante anos foi o Café dos artistas e estudantes de Belas Artes do Porto - Júlio Resende refere-o na sua autobiografia. Um frequentador assíduo do MAJESTIC foi Leonardo Coimbra - acompanhado dos seus discípulos.

Por sua vez, A BRASILEIRA era o Café dos artistas de Teatro - pela sua proximidade com o Teatro Sá da Bandeira. Estes ocupavam preferencialmente a sala da direita. Na sala da esquerda – políticos “Contra” e entusiastas do futebol (F.C.P.)

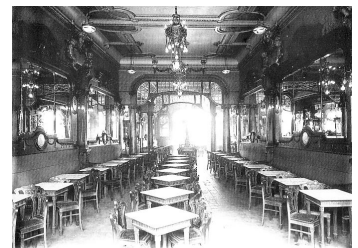
Na década de noventa, o Café estava muito degradado, nomeadamente o belíssimo pára-sol de vidro e ferro forjado. Interiormente, o Café mantinha a decoração mural - no salão da esquerda, mas já tinha alterado a decoração da sala da direita substituindo os trabalhos murais e candeeiros iniciais por outros mais característicos dos anos 50.

Por essa época, do mobiliário original ainda restavam algumas (poucas) cadeiras e mesas junto ao vidro da fachada da sala da direita. Todo o espaço restante fora ocupado por um balcão metálico - nas duas salas. O balcão da sala da direita, tinha acoplados os tampo de vidro das mesas originais do Café. Enfim, uma amálgama incaracterística de elementos.

Recentemente, todo o espaço foi sendo recuperado, quer exterior, quer interiormente. Para tanto, a vasta área que o compunha foi dividida em três



Café A Brasileira



Café O Majestic



Café A Brasileira

unidades: um café, um restaurante sofisticado e uma cafetaria.

No exterior, foi restaurado o pára-sol, sendo o vidro que o revestia substituído por um material acrílico, mantendo-se a traça original, incluindo os trabalhos ornamentais em ferro forjado.

À entrada do restaurante, podem observar-se, esculpidos em bronze, dois escudos colocados à frente de duas folhas de palma, de cada lado da porta de entrada. No do lado esquerdo, figuram as “armas” do Brasil e, no do direito, as “quinas” de Portugal. No primeiro, sobre uma filacteria, figura o nome da empresa Telles & C<sup>a</sup>, e no segundo figura a data da inauguração: 4-5-1903.

Sobre a parede exterior da Cafetaria, figura um painel cerâmico de recorte moderno e bela policromia da autoria de Cecília de Sousa, que foi deslocado da sua implantação original, junto à entrada lateral que nos anos setenta, foi criada na Rua do Bonjardim, para dar acesso directo ao balcão metálico do Snack-Bar.

O CAFÉ EXCELSIOR - 1920 - era constituído por duas salas. A sala do fundo sofreu grandes obras e quando foi inaugurado em 1928 foi considerada “a sala mais rica da Península”. Esta sala era o local de encontro dos intelectuais, nomeadamente o Pintor Júlio Reis Pereira e o seu grupo. Na sala da frente reuniam-se sobretudo desportistas.

Já na década de 30, abriu o CAFÉ IMPERIAL – originalmente um Café sumptuoso, hoje ironicamente está transformado num estabelecimento de *fast food* da cadeia McDonald's.

Aquando da sua inauguração, possuía uma porta giratória, e dominando a entrada figura uma *Águia Imperial*, em bronze, da autoria de Henrique Moreira.

No interior, existiam, à entrada, inicialmente, dois balcões. À esquerda, um para a venda de café. À direita, para a venda de jornais e tabaco.

O recinto do café era formado por um salão amplo, que ainda se mantém, com um balcão majestoso ao fundo que ocupava quase toda a largura do recinto.

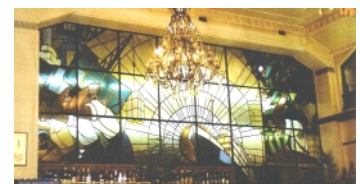
No piso inferior, existia uma enorme sala de bilhar, posteriormente adaptada a restaurante.

No 1º piso um salão discreto, uma Boite chic, de onde se via o Café, e um Bar com pequeno terraço. O tecto do Bar era de vidro fosco e cristal.

No salão do Café, as paredes estavam decoradas com espelhos de cristal e por cima destes um friso de baixos relevos em gesso, representando motivos de dança, da autoria de Henrique Moreira, que ainda hoje se mantém, embora agora patinados a dourado em vez de prateado. Ao fundo, por cima do balcão e a todo o comprimento da parede, um belo vitral da autoria de Leone: Nesse vitral, onde se notam influências de Art Déco, está representado o ciclo do café - colheita do grão, transporte por navio, descarga e finalmente o café servido à mesa.



Café A Brasileira



Café Imperial

No início da década de noventa, para fazer face a uma menor utilização, o café foi palco de vários espectáculos de música ao vivo, que ocorriam aos fins-de-semana, e atraíam numeroso público.

Mais recentemente, como foi dito, o Café foi adquirido pela cadeia *McDonald's* que o adaptou ao seu funcionamento, mantendo da traça original os elementos decorativos, desde a *Águia Imperial*, agora sobrepujando o *lettering* característico daquela cadeia de *fast food* internacional, até aos frisos decorativos e ao magnífico vitral *art-déco* de que já falámos, este último ocultado pelo novo balcão, na sua parte inferior.

O PALLADIUM situava-se no antigo edifício dos Armazéns Nascimento, projectado pelo Arquitecto Marques da Silva, que durante alguns anos funcionou como Café. Tinha uma decoração luxuosa, Art Déco. Ocupava três pisos ligados por escadarias, tendo sido o primeiro edifício a utilizar estrutura de betão armado. Era frequentado por comerciantes abastados do Porto.

O MONUMENTAL, na Av. dos Aliados (hoje stand da Ford), era verdadeiramente monumental em todos os aspectos. Tinha dois salões no 1º andar - um para bilhares (com 24 mesas) outro para os jogos do loto e quino.

Oferecia "admiráveis concertos musicais" na opinião dos seus frequentadores. Durou poucos anos.

O CAFÉ AVENIDA - também na Av. dos Aliados - deu origem depois ao Café Vitória. Era um Café requintado que tinha concertos de música à noite.

Também inaugurado no início dos anos trinta, O GUARANY possuía um estrado destinado a uma orquestra permanente.

Depois de uma época de fraca utilização, nos anos 80 o Guarany sofreu uma inestética adaptação ao serviço de refeições ligeiras, sendo implantado com um enorme balcão metálico, que ocupava quase todo o espaço do Café.

Recentemente, depois de uma remodelação profunda, o Guarany voltou à traça original, apresentando-se agora como um espaço requintado, conscienciosamente restaurado, que aproveitou e recuperou os próprios candeeiros e outros elementos originais, mantendo o baixo-relevo em mármore de Henrique Moreira que representa um índio Guarany.

Como expressão moderna, figura agora um díptico profusamente colorido da autoria de Graça Morais, intitulado "*Os Senhores da Amazônia*", de 2003, bem como um conjunto de nove trabalhos sobre papel, "*Os Filhos da Amazônia*", em tons ocre, da mesma data.

Funcionando numa zona como café e noutra, à noite, como restaurante, é habitual, ao serão, existir acompanhamento musical, ao piano.

Nos anos 40-50, abriu outro prestigiado café: O RIALTO. Tinha uma decoração exigente de que faziam parte murais de Abel Salazar, de Guilherme Camarinha e Dórdio Gomes, a que se juntava um baixo-relevo de João Fragoso, obras encomendadas pelo Arquitecto Artur Andrade. Quando o Café fechou, o



Café Palladium



Café Guarany

Banco que lá se instalou preservou os murais, mas não poupou o baixo-relevo.

O RIALTO era frequentado por gente da cultura, literatura e arte. Nos anos 50-60 por lá passaram os poetas Seixos Branco, Daniel Filipe, Vasco Lima Couto.

Todos este conjunto de cafés constitui, digamos, um núcleo em que se atingiu o ponto mais alto nos aspectos de arquitectura e decoração.

Os cafés do período do Pós-2ª guerra mundial, já não patenteiam a grandeza e o requinte decorativo dos anteriores, sendo mais austeros. É o caso do *Aviz*, do *Ceuta* e do *Embaixador*.

O *Café Aviz* tem paredes espelhadas, um candelabro, um belo painel de ferro trabalhado na entrada, sendo frequentado por estudantes, quase exclusivamente.

Na cave tinha bilhares, onde existia uma figura feminina em bronze, da autoria de António de Azevedo, e que depois da remodelação que o café sofreu no final dos anos noventa, foi deslocada para o salão, em local pouco visível.

O *Café Ceuta*, primitivamente, tinha nas paredes painéis de Coelho de Figueiredo representando as quatro estações do ano. Não resistiram ao tempo.

Pelo *Ceuta*, passaram Francisco Sá Carneiro, SottoMayor Cardia, Montalvão Machado e Eurico de Melo. No piso inferior, a secção de bilhares está em funcionamento.

O *Café Embaixador* está decorado com painéis, em *cavan*, de Martins Dacosta. Inicialmente tinha uma sala de jogos.

Nos primeiros anos, um dos seus clientes habituais foi José Augusto Seabra. Teve depois um período em que foi frequentado por retornados das ex-colónias e reformados.

Recentemente, foi adaptado para servir refeições rápidas, com a colocação de um balcão envidraçado, junto à entrada.

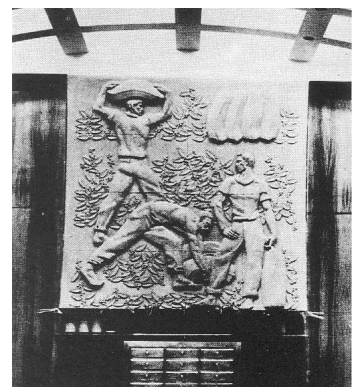
O Porto conheceu ainda, durante este século um outro tipo de Cafés mais populares. Foi o caso do *Café Primavera*, que já existia em 1908 na Rua do Laranjal, onde actuavam bailarinas espanholas. Tinha uma clientela heterogénea - cocheiros, operários, jornalistas, comerciantes. Só podiam entrar maiores de 18 anos. Desapareceu em 1917 com as obras de demolição para a abertura da Avenida dos Aliados.

O *Café República*, depois *Café Recreio*, também na Rua do Laranjal tinha como atracção - bailarinas e cantadeiras. Durou poucos anos.

No mesmo género, mas já nos anos 30, tivemos o *Colon*, depois *Bristol* na Rua Entreparedes, o *Chinês* na Rua do Campinho com orquestra e um concorrido clube nocturno no 1º andar, e o *Vitória*, na Praça Stª Teresa com audições de fados e guitarradas.



Café Guarany



Café Rialto

### 3. Situação actual dos Cafés do Porto

No Porto, como em todas as outras cidades, a expansão e crescimento fizeram da Baixa uma zona exclusivamente de comércio e serviços. Durante o dia, o movimento é grande. Ao fim da tarde, terminado o horário de trabalho, a Baixa morre. É esse o principal factor, dificilmente contrariável, do progressivo desaparecimento dos Cafés da Baixa e da sua proliferação nas zonas periféricas de habitação.

Dificilmente contrariável, porque esse processo se insere numa problemática mais vasta: a da revitalização dos centros históricos, para lá dos horários de funcionamento dos Serviços que neles se instalaram.

Assim, fenómenos com a terciarização da Baixa e a deslocação das diversões nocturnas para as periferias e recintos industriais desocupados da cidade, onde se concentram à maneira de autênticos *ghettos* as indústrias da noite, trazem como amarga consequência o fecho dos cinemas, dos teatros e o soçobrar da animação nocturna em geral, de que o apego familiar à televisão, acaba por constituir, embora menos ruidosamente, um dos principais factores.

Neste quadro algo pessimista, resta a esperança de um ressurgimento impulsionado pelo turismo, de que se começam a sentir, timidamente, alguns sinais. Os turistas são os clientes naturais dos centros históricos, e porque muitos ficam hospedados em hotéis da Baixa, acabam por frequentar os cafés que os rodeiam.

Um outro factor de esperança, decorre da circunstância de que o desaparecimento dos cafés não trouxe consigo o surgimento de outros locais de convívio e de tertúlia, capazes de os substituir. Na verdade, continuam a ser os cafés, nomeadamente os históricos, os espaços urbanos que oferecem a possibilidade de uma mais rica e mais intimista convivialidade, oferecendo-se como alternativa a um relacionamento interpessoal de carácter massificador, quando não alienante, que no tecido social do Porto tem predominado.

Mas isso, são outras questões cujo âmbito ultrapassa o destas páginas.

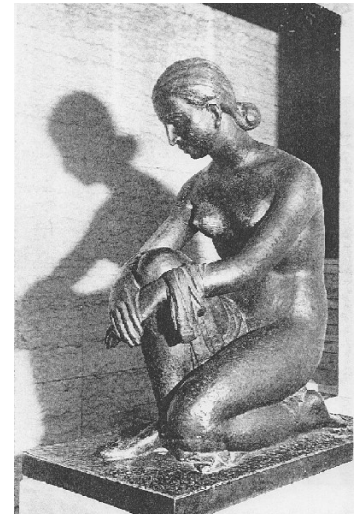
### Bibliografia

BASTO, Artur Magalhães, *O Porto do Romantismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932

MONTEREY, Guido, *O Porto. Origem, Evolução e Transportes*, Porto, Livraria Fernando Machado

PACHECO, Helder, *Porto*, Lisboa Editorial Presença, Lda, 1984

AA.VV., *História Da Cidade Do Porto*, Porto, Portucalense Editora, 1965



Café Avis



Café Embaixador

- LEITE, Arnaldo, *O Porto de 1900*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1952
- PEREIRA, Firmino, *O Porto D'outros Tempos*, Porto Livraria Chardron, 1919
- AA.VV, *O Porto Histórico, Comercial e Industrial*, Porto, Empresa Aquila, 1933
- PIMENTEL, Alberto, *O Arco da Vandoma*, Lisboa, Guimarães & Ca., 1916
- AAVV, *Guia Histórico do Viajante do Porto e Arredores*, Porto, Livraria F. G. da Fonseca, 1864
- CASIMIRO, Mário Portucarrido, *Tripeiros de Gema*, Porto, Livraria Latina, 1942
- GAMA, Arnaldo, *O Génio do Mal*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1936
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas I*, Lisboa, Clássica Editora, 1986
- AAVV, *Daqui Houve Nome Portugal*, Porto, Editorial O Ouro do Dia, 1983
- AMORIM, F. Gomes, *O Porto em 1952*, Porto, O Tripeiro, Vol. I, 1908-1909
- GRAVE, João, *O Porto de Há Cinquenta Anos*, Porto, O Tripeiro, 1910
- BASTO, Artur Magalhães, *O Porto Culto Nos Meados Do Séc. XIX*, Porto, O Tripeiro, Vol VI e VII, 1927 a 1931
- GUIMARÃES, Francisco, *O Café Camacho*, Porto, O Tripeiro, 1949
- GUIMARÃES, Cláudio Correia d'Oliveira, *Evocando dois Cafés Portuenses*, Porto, O Tripeiro, 1952-53
- GUIMARÃES, Cláudio Correia d'Oliveira, *Breve História de um Café Citadino*, Porto, O Tripeiro, 1952-53
- PINTO, Silva, *Recordando um Velho Café Revolucionário*, Porto, O Tripeiro, 1952-57
- MARÇAL, Horácio, *A Praça da Universidade e o Largo do Carmo*, Idem 1952-53
- MARÇAL, Horácio, *Bibliografia Portuense I*, Idem 1952-53
- MARÇAL, Horácio, *Ainda os Antigos Botequins do Porto*, Idem, Idem, 6, 1964
- MARÇAL, Horácio, *Os Antigos Botequins do Porto*, 1ª PARTE, Idem, 5, 1987
- MARÇAL, Horácio, *Os Antigos Botequins do Porto*, 1ª PARTE, Idem, 6, 1987
- TAVARES, Jorge Campos, *Boémias E Tertúlias Do Meu Tempo*, Idem, Idem, 2, 1990
- JORNAL O COMÉRCIO DO PORTO, 31 de Outubro de 1893
- JORNAL O COMÉRCIO DO PORTO, 27 de Maio de 1936
- JORNAL O PRIMEIRO DE JANEIRO, I de Dezembro de 1891
- JORNAL O PRIMEIRO DE JANEIRO - 5 DE Maio de 1903